

Vida e Morte na Leitura Literária

Maria das Graças Rodrigues Paulino (UFMG)

Nos últimos vinte anos, o trabalho com literatura tem-se envolvido num crescente movimento de valorização da leitura literária como parte da existência do texto, e não como acontecimento exterior ou posterior a ele. Isso corresponde à expansão da própria noção de textualidade, que teve seus limites ampliados, não só ao ponto de integrar um caráter plural – como também um caráter histórico-social. Assim se ultrapassou a velha separação entre abordagens intrínsecas e abordagens extrínsecas, enquanto a leitura passou a ter a mesma importância da escritura para a constituição do mundo letrado.

Entretanto, mudanças de perspectiva importantes como essa não acontecem facilmente. Especialistas mais conservadores, formados no culto à autonomia do texto literário, ainda consideram irrelevante o que um leitor pode significar no processo. Para esses críticos, o sujeito da criação literária é o autor, sujeito absoluto, demiurgo iluminado, criador de uma obra que já conteria de antemão algo de bom para toda a eternidade. Considerar o leitor dentre as instâncias de produção de sentido literário não passa, para os adeptos dessa ordem, de uma hipertrofia democratizante de gosto duvidoso.

Por outro lado, mesmo para quem lida com a recepção, há também dificuldades na caracterização daquilo que se tem denominado leitura literária. Ao tentarmos, por exemplo, determinar que traços esse tipo de leitura apresenta em comum com qualquer outro, temos de começar afirmando que toda leitura é um processo de conhecimento, ao mesmo tempo que é uma relação social, tudo isso necessariamente passando por uma produção de linguagem. Evidentemente, nada disso se sustenta como proposições de uma teoria da leitura sem

modelos compatíveis de sujeito, de conhecimento, de sociedade e de linguagem. Quando se trata de leitura como experiência literária, há de se incluir ainda, nessa conjunção proposta, uma filosofia da arte, porque o caráter estético da leitura literária não determina sua diferença só de modo parcial, interferindo também no tipo de determinação das semelhanças entre a leitura literária e as outras seja ao mesmo tempo a determinação de suas diferenças.

A questão do conhecimento, por exemplo, é especialmente delicada, por envolver várias outras. Afinal, qual é o objeto de conhecimento na leitura literária? Conhece-se a ilusão de realidade, ou a realidade da ilusão? Como se vivencia esse conhecimento lingüística ou psicologicamente? Que processo se dá, que relação simbólica acontece no momento da leitura literária? Como se pode definir a interpretação do texto pelo leitor e a do leitor pelo texto?

Quando pensamos o espaço e a função do leitor em leitura literária, temos de trabalhar inevitavelmente com a questão do sujeito. Ora, o sujeito do conhecimento, numa perspectiva nacionalista, seria um sujeito uno e indiviso, centrado na lucidez e no distanciamento crítico capaz de atingir a verdade. Não acreditamos que seja possível modelar assim sereno, assertivo, frio, o sujeito em leitura literária, embora nossa vivência escolar pareça provar o contrário, com tanto controle de qualidade.

Tomemos como demonstração do problema um caso poético particular.

Faz mais ou menos trinta anos, li pela primeira vez um poema de Álvaro de Campos que me impressionou muito, e muito me intriga até hoje, como tantos outros desses terríveis fernandos pessoas.¹ Começa assim:

“Se te queres matar. por que não te queres matar?”

¹ PESSOA, Fernando. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965.

Esse primeiro verso elide, oculta a primeira pessoa, o “eu” chamado lírico, e muitas vezes confundido pelos menos atentos a bloco monolítico chamado autor. Este poema começa sem um “eu”. O uso do “tu” constitui uma interpelação direta ao leitor, paradoxalmente, numa tentativa de persuadi-lo ao suicídio. Mas será mesmo essa a intenção?

Se o leitor tem diante dos olhos uma pergunta, logo lhe vem outra: afinal, como se constrói nesse primeiro verso o próprio leitor? Ora, como um sujeito dividido: um pedaço-sujeito que quer matar-se põe-se a conviver em luta íntima com um pedaço-sujeito que não quer. Nessa segunda pessoa do singular existe, portanto, um eu multiplicado, um sujeito plural. Sujeito em leitura literária, sim, mas não só isso, e não só nesse momento. Sabemos que a Psicanálise lida com um modelo de sujeito desse tipo. Serge Leclair assim o define:

*Sujeito é o nome da função que garante a manutenção da contradição e, fascinante pela autoridade que lhe confere sua divisão, é o foco de todos os efeitos de unidade.*²

Engraçado(!) é que esse trecho foi tirado por mim de um livro de Leclair chamado *Mata-se uma criança*. Teria alguma relação com o “se te queres matar, por que não te queres matar”? Pode ser que sim. Ainda segundo Leclair, cada um de nós traz consigo uma criança narcísica que se pretende centro do mundo, que reclama atenção, que impõe ou tenta impor a sua vontade o tempo inteiro. Conviver com ela saudavelmente equívale a tentar anular em cada momento sua força de representação tirânica e egocêntrica. Ora, em nosso meio cultural, às vezes é o próprio texto literário que parece desempenhar esse papel de criança onipotente, que se quer impor como um filho perfeito, capaz de realizar os sonhos do autor, essa mãe que gera e depois se projeta na obra. Entretanto, essa é também a representação narcísica que o ato de ler necessariamente administra, controlando

² LECLAIRE, Serge. *Mata-se uma criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

seu egoísmo, para que a relação simbólica possa constituir-se como troca, como interação. A vontade do leitor vai confrontar-se com a vontade do autor, nenhuma valendo por si mesma, cada uma deslocando-se em direção à outra, enquanto se questiona e se multiplica. Para criar-se o espaço discursivo constitutivo dos sujeitos e do sentido ocorre uma redução da onipotência do *eu*.

Aprendemos, com Bakhtin, que a produção literária pressupõe um processo polifônico e tenso, em que várias vozes se cruzam sem identificar-se, quebrando a aparente unidade da enunciação. Nessas diferentes vozes que, aliás, compõem a tessitura social da linguagem, inclui-se também o leitor, que, assim como o autor, se apresenta no singular só para manter-se o efeito de unidade que perpassa a divisão do sujeito. Se queres, por que não queres? O autor e o leitor formam aparentemente um par binário, dois recortes privilegiados em dois momentos da cadeia discursiva. Todavia, o efeito de discurso no processo literário é a própria polissemia. Anula-se o efeito de verdade não só com relação ao referente extra-textual, mas com relação também aos sujeitos envolvidos: ninguém pode se sentir dono ou fonte primeira do discurso literário, porque assim impediria sua própria constituição de fala aberta e ambígua.

Voltemos a Fernando Pessoa, ou melhor, a Álvaro de Campos, quer dizer, à literatura. Logo no segundo verso do poema surge a primeira pessoa:

*Se te queres matar, por que não te queres matar?
Ah, aproveita! que eu, que tanto amo a morte e a vida,
Se ousasse matar-me também me mataria...*

O poema pressupõe um leitor bem vivo, enquanto o convida a matar-se. Que significa, afinal, esse convite? Só quando um texto se oferece à obediência do leitor, quando um texto pede sua repetição, está, de fato, fazendo um convite à morte. Repetir o texto, permanecendo em leitura parafrástica, é um modo de calar-se, de morrer junto com a criança voluntariosa. Por isso, não é bem a morte do leitor a proposta deste texto poético. O seu leitor, que também saúda a morte em

literatura, está envolvido na contradição inevitável de uma produção simbólica que joga o tempo todo com o inconsciente. Isso que se fala, junto com a cinematografia das horas representadas, junto com atores de convenções e poses determinadas, também pode ser lido no poema:

*És importante para ti porque é a ti que te sentes
ÉS tudo para ti, porque para ti és o universo,
E o próprio universo e os outros
satélites da tua subjetividade objetiva
És importante para ti porque só tu és importante para ti
E se és assim, ó mito, não serão os outros assim?*

Os outros? Bem, voltamos ao social, do qual, aliás, nem saímos. Quando pensamos em diferenças e conflitos, assim como em igualdades, vivemos uma dimensão eminentemente política da experiência literária, seja esta considerada no âmbito da autoria, que constitui certo momento em que alguém se apossa da linguagem, seja no âmbito da leitura, outro momento, outras circunstâncias da produção que se propaga.

Vivemos um capitalismo de periferia, que se sustenta na dominação de oligarquias conservadoras, tentando impedir transformações sociais. Nossa vida acadêmica, profissional, afetiva, sexual, estética está inevitavelmente integrando essa organização econômica. A experiência literária pode assumir uma função contestadora na história brasileira contemporânea, tornar-se mera dimensão ideológica do novo, isto é, sem tomar-se uma simples representação novidadeira, instrumento para esquecermos tanta repetição? Afinal, a fome é sempre a mesma, a justiça sempre falha, o mesmo político sempre rouba, o mesmo milionário sempre ganha... e só a literatura muda? Sem optar por um sim ou por um não taxativos, digamos que não há garantias, e que cada experiência literária tem seu modo de entrar nas lutas sociais.

Quando o poema de F. Pessoa/Álvaro de Campos pergunta ao leitor: por que não te queres matar? logo responde com argumentos que, ironicamente, denunciam a construção ideológica do sujeito. A representação social, por exemplo, que desempenha uma função integradora, é denunciada pelo texto, quando este se refere ao quadro sucessivo das imagens externas, aos atores de convenções e poses determinadas. Segundo, (dentre outros pensadores), Paul Ricoeur, a função ideológica de integração social sustenta a necessidade que a sociedade tem de conferir-se uma imagem de si mesma, de representar-se, no sentido teatral do termo. Mas é ideologicamente também que funciona a dinamização, aquilo que o poeta define como o circo de nosso dinamismo sem fim. A dinamização justifica as ações, funciona como projeto, dita as regras de um modo de vida, de acordo com os interesses dominantes. Daí tantos rituais, tantos estereótipos em que os indivíduos se reconhecem, como se os esquemas sociais fizessem parte de sua subjetividade. Aliás, encarada assim em seu caráter ritualístico, a instituição literária tem uma função conservadora digna da academia brasileira de letras.

Entretanto, outra parece ser a relação que se estabelece entre o leitor de hoje e esse poema escrito em 1926. Sabemos que a idéia da morte, especialmente a idéia do suicídio, morte voluntária, não era na época nem é hoje bem tolerada no ocidente. Há, nesse nível, uma polemização implícita entre todo o poema de Álvaro de Campos e a interpelação do indivíduo como sujeito levada a cabo pela ideologia. Essa interpelação é fisiológica, materialista, racionalista, mas também afetiva: o corpo e a alma, eis o que interessa preservar ou salvar. E este é de fato o alvo da ironia e da sátira poética. O leitor, assim instigado, não deixa de polemizar também com o texto, assumindo seu querer viver. Pelo menos não se tem notícia de leitores que tenham parado de ler o poema e dado um tiro no ouvido, o que de algum modo significa uma desobediência.

Todavia, se querer viver é querer ler, se querer viver é querer uma literatura que questiona o próprio apego estúpido à vida, esta mesma vida se toma diferente, já se desprendendo um pouco da limitação e

da esquematização que costumam atuar socialmente como sua justificativa. Lembremos mais alguns versos:

*Tens, como Hamlet, o pavor do desconhecido?
Mas o que é conhecido? O que é que tu conheces,
Para que chames desconhecido a qualquer coisa em
especial?*

Os saberes e poderes imputados ao sujeito são impiedosamente questionados no poema, a ponto, inclusive, de se reinstalar a própria poesia no espaço do que se desconhece, do que espanta e incomoda. A leitura literária desloca assim o leitor de seus hábitos e condicionamentos culturais tão cômodos para o desconhecimento do conhecimento que é o conhecimento do desconhecimento. Não é que essa produção literária de sentidos se ponha fora dos parâmetros sociais, pois estes, como os do desejo, compõem necessariamente nossa existência de bichos simbólicos. Importa, nesse caso, o componente literário de desrepressão, que assume as pluralidades contraditórias dos discursos. Alguém pode refutar-me, lembrando que mascarar e deslocar a subjetividade, como fazem autor e leitor no jogo literário, é uma forma até “sacaria” de assumi-la. Com certeza, não se trata de consumir o assassinato da criança de uma vez por todas, mesmo porque isso seria impossível. Trata-se apenas de jogar artisticamente a vida com ela, pois afinal, viver é muito perigoso, especialmente para aqueles que, como G. Rosa e F. Pessoa, foram *educados na imaginação*.

FERNANDO PESSOA/ÁLVARO DE CAMPOS

SE TE QUERES matar, por que não te queres matar?
Ali, aproveita! que eu, que tanto amo a morte e a vida,
Se ousasse matar-me, também me mataria...

Ah, se ousares, ousa!

De que te serve o quadro sucessivo das imagens externas
A que chamamos o mundo?

A cinematografia das horas representadas
Por actores de convenções e poses determinadas
O circo policromo do nosso dinamismo sem fim?

De que te serve o teu mundo interior que desconheces?

Talvez, matando-te, o conheças finalmente...

Talvez, acabando, comeces...

E de qualquer forma, se te cansa seres,

Ali, cansa-te nobremente,

E não cantes, como eu, a vida por bebedeira,

Não saúdes como eu a morte em literatura!

Fazes falta? ó sombra fútil chamada gente!

Ninguém faz falta; não fazes falta a ninguém...

Sem ti correrá tudo sem ti

Talvez seja pior para outros existires que matares-te...

Talvez peses mais durando, que deixando de durar...

A mágoa dos outros?... Tens remorso adiantado

De que te chorem?

Descansa: pouco te chorarão...

O impulso vital apaga as lágrimas pouco a pouco,

Quando não são de coisas nossas,

Quando são do que acontece aos outros, sobretudo a morte,

Porque é a coisa depois da qual nada acontece aos outros...

Primeiro é a angústia, a surpresa da vinda

Do mistério e da falta da tua vida falada...

Depois o horror do caixão visível e material,

E os homens de preto que exercem a profissão de estar ali.

Depois a família a velar, inconsolável e contando anedotas,

Lamentando a pena de teres morrido,
E tu mera causa ocasional daquela carpidação,
Tu verdadeiramente morto, muito mais morto que calculas...
Muito mais morto aqui que calculas,
Mesmo que estejas muito mais vivo além...

Depois a trágica retirada para o jazigo ou a cova,
E depois o princípio da morte da tua memória.
Há primeiro em todos um alívio
Da tragédia um pouco maçadora de teres morrido...
Depois a conversa aligeira-se quotidianamente,
E a vida de todos os dias retoma o seu dia...

Depois, lentamente esqueceste.
Só és lembrado em duas datas, aniversariamente:
Quando faz anos que nasceste, quando faz anos que morreste;
Mas nada, mas nada, absolutamente mais nada.
Duas vezes no ano pensam em ti.
Duas vezes no ano suspiram por ti os que te amaram,
E uma ou outra vez suspiram se por acaso se fala em ti.

Encara-te a frio, e encara a frio o que somos...
Se queres matar-te, mata-te...
Não tenhas escrúpulos morais, receios de inteligência!...
Que escrúpulos ou receios tem a mecânica da vida?

Que escrúpulos químicos tem o impulso que gera
As seivas, e a circulação do sangue, e o amor?
Que memória dos outros tem o ritmo alegre da vida?

Ah, pobre vaidade de carne e osso chamada homem,
Não vês que não tens importância absolutamente nenhuma?

És importante para ti, porque é a ti que te sentes.
És tudo para ti, porque para ti és o universo,
E o próprio universo e os outros
Satélites da tua subjectividade objectiva.

És importante para ti porque só tu és importante para ti.
E se és assim, ó mito, não serão os outros assim?

Tens como Hamlet, o pavor do desconhecido?
Mas o que é conhecido? O que é que tu conheces,
Para que chames desconhecido a qualquer coisa em especial?

Tens, como Falstaff, o amor gorduroso da vida?
Se assim a amas materialmente, ama-a ainda mais materialmente:
Torna-te parte carnal da terra e das coisas!
Dispersa-te, sistema físico-químico
De células nocturnamente conscientes
Pela nocturna consciência da inconsciência dos corpos,
Pelo grande cobertor não-cobrindo-nada das aparências,
Pela relva e a erva da proliferação dos seres,
Pela névoa atômica das coisas,
Pelas paredes turbilhonantes
Do vácuo dinâmico do mundo...